



N.º 173 — Lisboa, 15 de Dezembro

6.º ANO

# PARODIA

FUNDADOR  
**RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO**

Publica-se aos sabbados  
 Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador da  
**PARODIA**  
**PREÇO AVULSO 40 RÉIS**  
 Um mez depois de publicado 80 réis

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — L. do Conde Barão, 50

**Assignaturas (pagamento adiantado)**

Lisboa e provincias, anno 52 num., 25000 rs.	Brazil, anno 52 numeros . . . . . 35000 rs.
Semestre, 26 numeros . . . . . 15000 rs.	Africa e India Portuguesa, anno . . . 25000 rs.
Cobrança pelo correio . . . . . 5100 rs.	Estrangeiro, anno, 52 numeros . . . 35000 rs.

**Nota:** — As assignaturas por anno e por semestre acceptam-se em qualquer data; tem porém de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

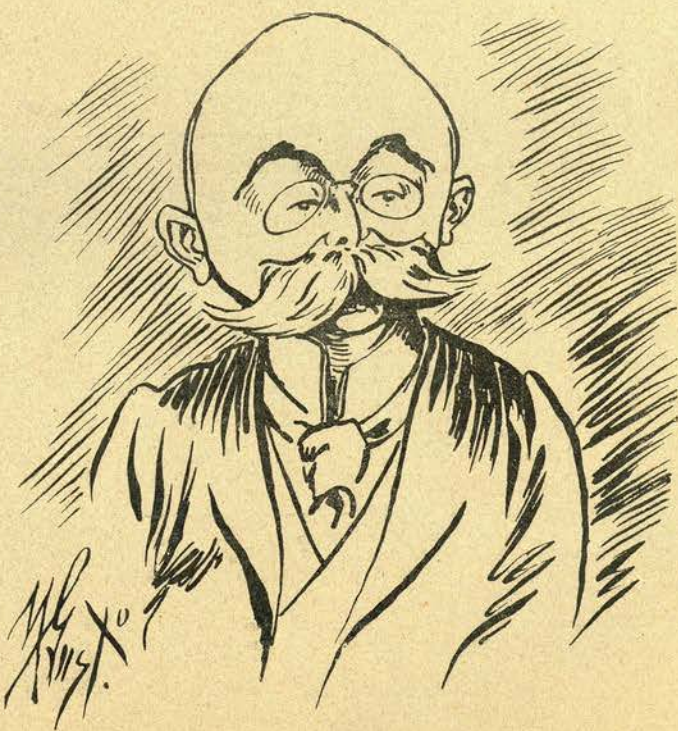
EDITOR — CANDIDO CHAVES

Composição e impressão  
**“A EDITORA,”**  
 L. do Conde Barão, 50

## Ordem do dia

**C. P.**

*Antigo republicano militante.*  
*Inactividade temporaria.*  
*E' a reserva da Democracia.*  
*Está em casa à espera dos acontecimentos.*  
*Professor.*  
*Polyglotta.*



**AVISO****Parodia n.º 172**

*Devido ao grande successo obtido pelo ultimo numero d'este semanario, e em virtude de se ter exgottado a primeira edição, a empresa previne o publico de que procedeu a uma nova tiragem, e que o referido numero se encontra á venda em todas as tabacarias e logares do costume e na administração*

Largo do Conde Barão, 50

**EMPRESA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO**

Serviço da Costa Occidental e Oriental d'Africa  
ITINERARIO

Lihoa..... (Part.)	1	7	22	Beira .....	11/12	--	--
Madeira .....	3	9	--	Lourenço Marques ..	14/16	--	--
S. Vicente .....	--	13	--	Mossamedes .....	--	9	22
S. Thiago .....	--	14/15	28/29	Benguella .....	--	10/11	28/24
Príncipe .....	--	23/24	7	Lobito .....	--	12	25
S. Thomé .....	13	25/27	8/10	Novo Redondo.....	--	13	26
Cabinda .....	--	29	12	Loanda .....	25	14/16	27/29
St.º Antonio do Zaire	--	--	13	Ambriz .....	--	17	30
Ambriz .....	--	30	14	St.º Antonio do Zaire	--	--	31
Loanda .....	16	1/3	15/16	Cabinda .....	--	18	2
Novo Redondo .....	--	4	17	S. Thomé .....	28	20/22	4/6
Lobito .....	--	5	18	Príncipe .....	--	23	7
Benguella .....	--	6/7	19/20	S. Thiago .....	--	1	15
Mossamedes .....	--	8/9	21/22	S. Vicente .....	--	--	16
Lourenço Marques ..	25/2	--	--	Madeira .....	9	--	20
Beira .....	4/5	--	--	Lihoa..... (Cheg.)	12	7/8	22/23
Moçambique .....	7/9	--	--				

**VAPORES:** Ambaca — Cazengo — Cabo Verde — Angola — Benguella — Zaire — Malange — Portugal — Africa — Loanda — Bolama — Zambezia — Príncipe — Mindello — Guiné e Lusitania.

Para carga, passagens e quaesquer esclarecimentos, dirigir-se: NO PORTO: aos agentes srs. H. Burmester & C.ª, rua do Infante D. Henrique.

Séde da Empresa: RUA D'EL-REI, 85 — LISBOA

**Real Fabrica de Louça de Sacavem**

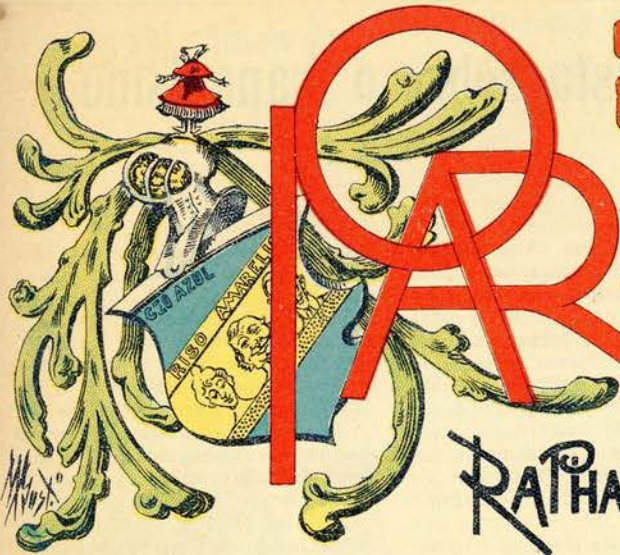
Deposito geral R. da Prata, 126 a 132

GRANDE SORTIMENTO EM LOUÇA AVULSO

Variadissimos e lindissimos serviços de jantar, de chá e de toilete.

Preços e qualidade sem rival, igual á melhor louça das fabricas estrangeiras.

Não se deve comprar louça sem primeiro ver a de Sacavem.



N.º 173 — LISBOA, 15 DE DEZEMBRO

6.º ANNO 905

# PARODIA

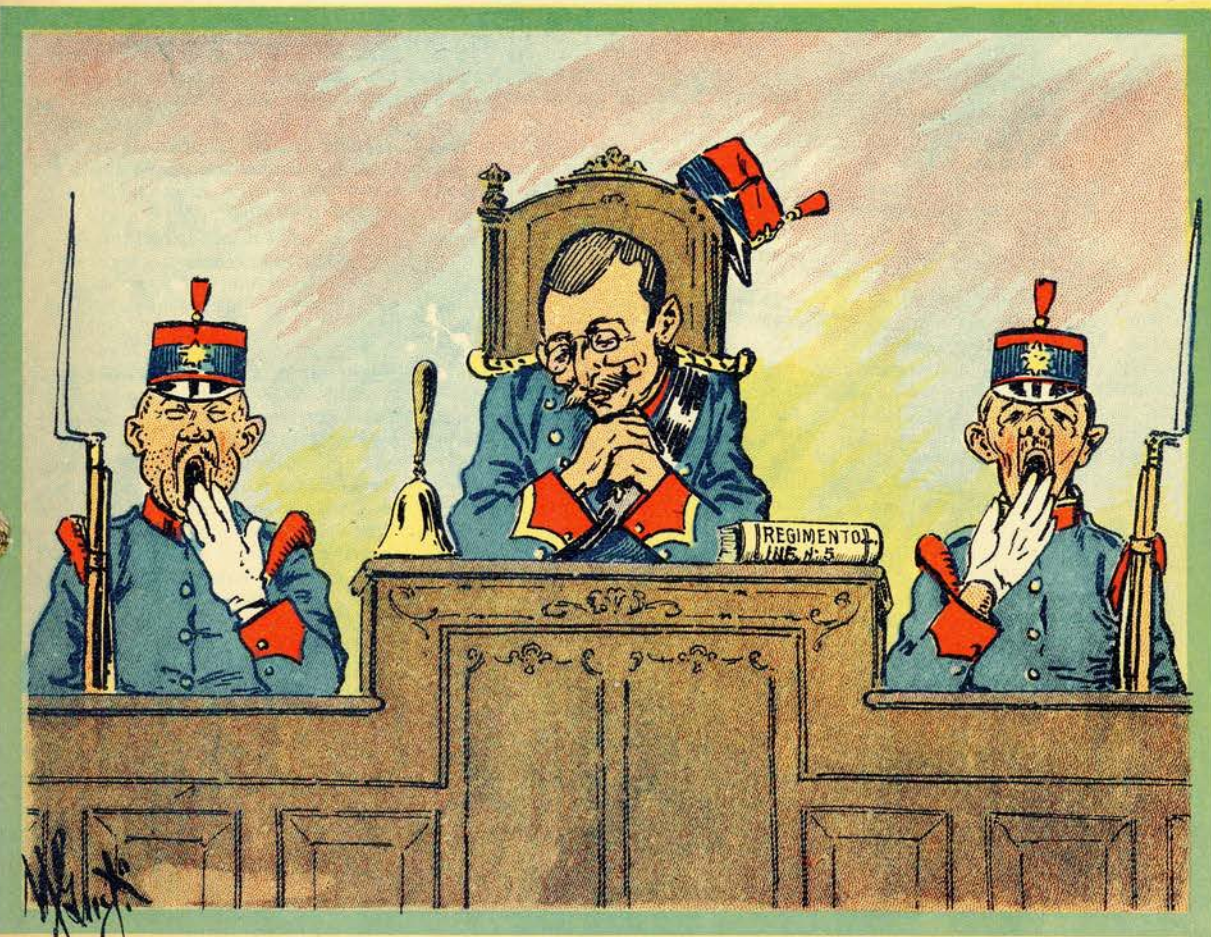
FUNDADOR  
RATHAEL BORDALLO PINHEIRO

Publica-se aos sabbados  
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador da  
**PARODIA**  
PREÇO AVULSO 40 RÉIS  
Um mez depois de publicado 80 réis

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — L. do Conde Barão, 50  
**Assignaturas (pagamento adiantado)**  
Lisboa e provincias, anno 52 num., 2\$000 rs. | Brazil, anno 52 numeros..... 5\$000 rs.  
Semestre, 26 numeros..... 1\$000 rs. | Africa e India Portuguesa, anno . 2\$000 rs.  
Cobrança pelo correto..... \$100 rs. | Estrangeiro, anno, 52 numeros... 3\$000 rs.  
**Nota:** — As assignaturas por anno e por semestre acceptam-se em qualquer data, tem porém de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — CANDIDO CHAVES  
Composição e impressão  
**“A EDITORA,”**  
L. do Conde Barão, 50

## Novo aspecto da presidencia da camara depois das ultimas expulsões



# Carta a um franquista sobre o franquismo

MEU AMIGO:

Pode limpar as mãos á parede. O seu chefe fel-a bonita. Podia não salvar a monarchia, mas salvar-se a si. Nem salva a monarchia, nem se salva a si.

A monarchia, mais do que nunca, ficou com elle comprometida. Sob o pretexto, de que pretendia reconciliar-a com o paiz, o seu chefe, afinal, denunciou-a. Era até aqui vulgar o dizer-se que a casa de Bragança fazia dos cofres publicos o seu cofre. Sempre a opposição accusou o Paço de improbidade. O que nunca succedera, e veio a succeder com o seu chefe, foi o proclamar-se esta afinal tremenda verdade, pela bocca do governo. Levantada a questão dos adeantamentos, a monarchia ficou exposta não já a todas as suspeitas, mas a todas as affrontas. Desconceituou-se, deshonorou-se, perdeu-se. Tem ainda o throno, a guarda-municipal, a policia e todos os instrumentos de defesa do poder constituído, mas não tem mais nada. Os monarchicos não defendem já o rei, mas uma outra monarchia de que elle desapareça. A nação não quer nem esta, nem outra, porque associou a monarchia ao monarcha e condemnou ambos.

Esta obra foi a obra do seu chefe. Desde que existe o regimen liberal a primeira vez que a monarchia foi atacada, foi quando, na camara dos pares, o João Franco revelou os adeantamentos.

Mas o João Franco ainda a comprometteu mais.

Até aqui o rei era aquella entidade irresponsavel, que reinava sem governar, tão sómente para representar a ficção que encarna. Não intervinha, ou presumia-se que não intervinha na direcção dos negocios publicos, não tinha partido, não tinha opinião, não tinha por assim dizer — vontade. Era o rei constitucional, o rei manequim, executando movimentos mechanicos em virtude do systema de relojoaria da constituição, mas por isso mesmo subtrahindo-se aos conflictos dos partidos, furtando-se á attenção do paiz, n'uma palavra, gosando as delicias da irresponsabilidade.

Mas sobrevem o João Franco e o rei é arrancado á sua irresponsabilidade.

O que pretende o João Franco? Torna-o popular? Extraordinario homem, em cujas mãos todos os propósitos se fazem em pó!

O seu chefe, meu amigo, teve a idéa de que era preciso tornar o rei

solidario com a sua obra, e o que fez? Tirou o rei do logar onde estava, intangivel, e trouxe-o para ao pé de si, pondo-o ao alcance de todas as pedradas. O seu primeiro acto foi trazer para o parlamento as contas do rei. Com esse acto imaginou elle subtrahir o rei ás responsabilidades da administração monarchica, mostrando-o não como um cumplice das circumstancias, mas como uma victima d'ellas. Desastrado! Pouco tempo depois destruiu com a questão dos adeantamentos este plano de reabilitação.

Completamente alheio ao effeito terrivel d'este successo, o seu chefe continuou, porém, a invocar a solidariedade do rei, tão intima, tão estreita que dentro em pouco não havia já o rei, mas um franquista a mais. O rei franquista! Foi esta a concepção, foi este o sonho do João Franco e foi — não o negue — o seu. Desastrosos! Mil vezes desastrosos! O rei franquista, o rei homem de partido, o rei com qualquer programma pessoal que não fosse o de tranquillamente digerir a lista civil era e foi o rei governando e governando contra todos os governos que não fossem o do João Franco. Era o rei governando contra os regeneradores, era o rei governando contra os progressistas, era o rei governando contra todos os partidos e homens que o serviram.

Em summa, era a monarchia — o' absurdo! — governando contra os monarchicos.

O immediato resultado d'esta inverosimil situação viu-se. A monarchia fez a guerra ao monarcha e o João Franco, pela primeira vez assustado com a sua propria obra, capitulou. Curvou-se deante das invocações sollemnes do Hintze, curvou-se deante das advertencias paternaes do José Luciano. Pela primeira vez reconheceu que á monarchia eram precisos os monarchicos e que elle, por si só, não bastava.

Foi uma vez um João Franco, porque, não o esqueça, meu amigo, a força d'este homem, — do seu homem, — o seu unico prestigio era o que lhe vinha do facto de se dizer o inimigo dos dois partidos que arrastavam as responsabilidades do systema liberal.

Essa força não era pequena. O seu plano não tinha é certo, senso commum, mas havia n'elle, mesmo na sua insensatez, uma porção de generosidade que o tornava sympathico. Era preciso ser doido para conceber uma

monarchia sem monarchicos. Essa doideice porém, interessava toda a gente.

Tudo fálhou. Fálhou a obra, como era inevitavel, mas fálhou tambem o homem, que poderia não se ter completamente frustrado. Os primeiros dias do franquismo foram de liberdade. Asphyxiava-se. Respirou-se. As primeiras manifestações consentidas, os jornaes dando á lingua á solta, a policia mettida na ordem, a tribuna desembaraçada de censores e inquisidores deram ao paiz uma desaffogada impressão de ar livre que elle ha muito não gosava. Mas uma tarde, nos Pares, o Hintze e o José Luciano disseram ao João Franco esta palavra, cynica «Tenha juizo!» e o João Franco afundou se. Os jornaes começaram a ser querellados, as manifestações publicas prohibidas. A censura interveio nos theatros. Os sabres sahiram outra vez das bainhas e derramou-se sangue. As mesmas espingardas, ha tanto tempo caladas, fizeram ouvir a sua voz. Emfim, a lei de imprensa veio não foi então a catastrophe do João Franco: foi a catastrophe do franquismo, no fundo a catastrophe da monarchia, porque a *volte-face* d'esse homem é a affirmação derradeira e solemne de que a monarchia em Portugal é incompativel com a liberdade e com a ordem. Emquanto houver monarchia n'este paiz — eis o que o João Franco finalmente demonstrou — haverá oppressão e haverá sangue.

Quanto tempo ainda se manterá no poder este funesto homem e, afinal, v.?

Não sei!

Entretanto, eis aqui como elle conseguiu, como lhe disse no principio d'esta carta, comprometter ainda mais a monarchia e o rei.

Até aqui, os attentados á liberdade, as violencias policiaes, as pranchadas, as cutiladas, os tiros, as prisões a torto e a direito, n'uma palavra a tyrannia era a obra dos governos. O 4 de maio, por exemplo, ainda se imputou ao Hintze.

Agora, não! Agora, a tyrannia é do rei, em virtude do principio estabelecido pelo João Franco, de que o rei deixou de ser rei e passou a ser chefe de partido, e garanto-lhe que a situação não é commoda para o rei, porque não se dará d'ora avante uma cutilada em Lisboa, ou no Porto que mil punhos cerrados não se levantem para elle.

JOÃO RIMANSO.

## Soveral, "Macaco Azul,"

O *Black and White*, jornal illustrado de Londres, publicava n'um dos seus ultimos numeros um pequeno artigo com o titulo que nos serve de epigraphe, artigo curiosissimo do qual somos forçados a destacar uma pequena passagem para honra e gloria do nosso ministro em Londres e satisfação de todas as damas que teem o seu fraco pelo queijo da ilha que é a careca do nobre marquez.



Diz assim a gazeta ingleza.

O marquez é um dos amigos mais intimos de Eduardo VII e é muito querido na boa-roda onde é conhecido pela alcunha de *Macaco Azul*, que o proprio rei lhe conferiu. Pouco antes do sr. Soveral voltar para Inglaterra, depois de uma visita ao seu paiz, foi procurado pelo proprietario d'uma galeria de tiro ao alvo (pim, pam, pum!) que lhe perguntou se teria duvida em *poser*, a fim de se fazer a effigie em madeira para servir de alvo. O marquez deu licença para a effigie ser feita por uma photographia. De forma que o popular ministro appareceu, em madeira pintada, mesmo com a flôr que nunca lhe desaparece da *boutonniere*, completo, e a fina roda de Portugal affluu á barraca em Lisboa para atirar ao homem que é conhecido como o maior diplomata da politica moderna de Portugal.

A historia do pim, pam, pum! deve ser piada ao sr. Arroyo que atirou realmente ao sr. marquez, mas directamente, á vera effigie.

A do *Macaco Azul*, comquanto não seja má, não chega á da *Andorinha*.

Como quer que seja, porém, estes reclames devem custar um dinheirão.

Decididamente o sr. marquez de Soveral é o rei do reclame. Pouco viverá quem não vir na 3.<sup>a</sup> pagina dos jornaes, sob o retrato de s. ex.<sup>a</sup>, esta epigraphe de paraphrase ás das Pilulas Pink:

OPINIÃO D'UMA PARTEIRA SOBRE  
A EFFICACIA DO SR. MARQUEZ  
DE SOVERAL



## Os acontecimentos do Porto

O sr. José Maria de Alpoim, a quem o fallecido Marianno de Carvalho chamava com immensa graça *Conselheiro Trovão*, trovejou no *Primeiro de Janeiro* um extenso artigo pondo as uvas em pisa ao sr. João Franco pelos acontecimentos do Porto. Nunca as descargas electricas lhe doam, sr. conselheiro!

D'esse artigo, que lemos e applaudimos, recortamos uma pequenina passagem com a devida venia ao Trovão e concomitantes raios e coriscos:

O modo como o sr. João Franco falou, a insistencia com que elle accentuava que havia candieiros do gaz apagados nos sitios em que a desordem foi mais accesa — parecendo alvejar um deputado dissidente que tem predominio na Companhia do Gaz de Lisboa e Porto...



Aqui é que está o gato, como se costuma dizer.

E' evidente que se o sr. João Franco fosse homem de senso e o liberal que se apregoa, deviam as coisas ter-se passado de modo exactamente contrario, isto é: a desordem devia ter sido apagada nos sitios em que os candieiros estivessem accesos.

Mas, verdade, verdade, a culpa não foi inteiramente do sr. João Franco. A melhor parte das responsabilidades cabem á companhia do gaz, que no Porto como em Lisboa está sendo dissidente... da boa illuminação.

Em havendo desordem, então, não ha bico que se não apague. Aquillo é com medo de que os chamem como testemunhas, já se sabe. Mas causa transtornos, como se tem visto.

Não dizemos isto para alliviar os hombros do sr. presidente do conselho das pesadas responsabilidades que lhe cabem. Pelo contrario. Somos os primeiros a reconhecer que o sr. João Franco cada vez pisa terreno mais perigoso.

S. ex.<sup>a</sup> até agora tem-se comprazido a brincar com fogo. Parece que achou pouco e por isso se decide a brincar com o bico Auer.

Ora queira Deus que este demonio não arranje por ahi alguma explosão!



## Litteratura para senhoras

O sr. Hemeterio Arantes, que pelo nome não perde, iniciou ha dias no salão Lambertini um curso de litteratura para senhoras.



E, ao que parece, o sr. Arantes sahio-se lindamente do commettimento. Assim o diz um collega nosso que declara conhecer o sr. Hemeterio por ter lido «os productos encantadores da sua lyra» e por saber por convivencia propria que s. ex.<sup>a</sup> é um espirito culto «muito seletiozamente orientado»

Quer-nos parecer que um espirito muito «seletiozamente» orientado, deve ser espirito de pessoa orientada nas Selecias. Se assim é, ninguém, com calças, terá mais competencia para ensaboar litterariamente o espirito das damas.

Avante, pois, nobre Hemeterio!

Deus Nosso Senhor permitta que seu espirito seletioz consiga despertar nos espiritos femininos o gosto pela litteratura. Fazemos votos por que assim succeda, embora muito intimamente estejamos convencidos de que nada conseguirá.

As damas, em geral, são refractarias ás bellas-lettras que não sejam... — de bordar.

Ora nós veremos se é ou não assim. Estamos capazes de apostar como em menos de seis mezes o sr. Hemeterio dando um balanço ao seu curso dirá com os proprios botões:

— Tudo como d'antes, Hemeterio Arantes!





VELHOS AMIGOS!

## A' ingleza

Pronunciou o chefe do governo, na camara dos deputados, um discurso que foi, substancialmente, aquella oração que s. ex.<sup>a</sup> repete aos crentes desde que se declarou desiludido do rotativismo, repêso dos seus peccados liberticidas e fervoroso apostolo d'essa desventurada dama Liberdade, tão infelicidade pelos que invocam o seu nome com o mesmo desplante com que um sujeito sem escrupulos diz ter sido amante de uma mulher honesta e ainda por aquelles que n'uma myopia intellectual que obriga a oculos grau O a confundem com essa grande desvergonhada que por ahi anda, tolerada pela famosa brandura dos nossos costumes, e que é a Licença.

O discurso do sr. Franco foi, pois, como o chá do Tolentino, a fervura pela setima vez da magica planta tonica com que s. ex.<sup>a</sup> pretende acalmar os nervos d'uns e restabelecer o combalido organismo d'outros. Uma panacêa, que sirva para metter os republicos na ordem e



para pôr o pão barato — com protestos de fidelidade aos immortaes principios, ao paiz, ás instituições e, primeiro que tudo, á Liberdade.

Como esse discurso fôsse pronunciado depois dos acontecimentos do Porto, tão singularmente assignalados a tiros de revólver, um dos quaes entrou pelo fundo das costas de um pobre homem que felizmente vae em via de restabelecimento para mais tarde devolver ao sr. presidente do conselho a bala com os respectivos juro — chumbo meudo — a maioria da camara dos deputados entendeu que devia ordenar a affixagem da oração presidencial por todos os recantos do paiz como se se tratasse de reclamos á *Venus* ou ás *Tangerinas Magicas*.

O sr. presidente do concelho com aquella ingenuidade que faz d'elle uma das mais interessantes meninas da nossa primeira sociedade, corou, baixou os olhos e murmurou como as-donzellas a quem as mães perguntam se querem casar com o sr. F.:

— Pois sim...

Mas o diabo arma-as, e logo surdiu

o sr. Augusto de S. Boaventura, administrador de concelho chronico de situações regeneradoras, abrindo uma subscrição publica para a affixagem d'um discurso do sr. Hintze Ribeiro, chamando bonitas coisas ao sr. João Franco.



E verão que succederá isto: o sr. S. Boaventura, que é um habil agente de annuncios e reclamista do commercio, deixará pregar ás esquinas o discurso presidencial e mal o cartazeiro vire costas, applicará por cima da oração do sr. Franco a do sr. Hintze.

Isto se o sr. S. Boaventura conseguir arranjar por subscrição o dinheiro necessario para a realisação da sua ideia. A maioria da camara baixa, essa arranjou: o dinheiro sahirá dos cofres do Estado, pela verba da administração séria e honesta regeneradora liberal dos erros que de longe vêem.

Resta saber se uns e outros conseguirão os seus intentos. Ser-lhes-ha difficil porque consta que o Directorio Republicano expediou uma circular aos correlegionarios pedindo lhes que sem perda de tempo colloquem nas fachadas dos predios que habitam aquella placa metallica que diz

E' PROHIBIDO  
AFIXAR CARTAZES  
NAS PAREDES  
D'ESTE PREDIO.

Ora, sendo todo o paiz republicano, como por ahi se diz, difficilmente poderão grudar os discursos a paredes que não sejam as do Terreiro do Paço e as da casa do sr. João Franco.

De fórma que o discurso do nobre chefe do governo será como o livro do sr. Espregueira: prósa que ninguém lerá.



## De pernas para o ar

O governo acaba de exercer uma grande violencia na pessoa do pudibundo auctor dramatico sr. Baptista Diniz.

Parece mentira mas é a pura verdade.

Vimos ha dias o sr. Diniz com os olhos marejados de lagrimas confessando a sua vergonha para a qual não contribuiu, valha a verdade, senão com aquella dose de pouca vergonha com que costuma adubar as suas desopilantes revistas.



O governo mandou prohibir a revista *De pernas para o ar* em scena no theatro da rua dos Condes.

Não sabe o sr. Baptista Diniz a que attribuir a violencia, uma vez que a revista tinha 375 representações, sem que as pernas tivessem mudado de posição uma só vez.

Seria por o governo não achar essa posição, de pernas para o ar, natural?

Não, porque de pernas para o ar está o governo ha uns dias a esta parte.

Será por ver n'esse titulo uma allusão á sua propria situação?

E' possivel.

Mas a cegueira do governo não lhe permittiu vêr que a allusão estava longe de ser completa, porque as pernas que a revista tinha para o ar — eram apenas duas...

## Theatros



### Gymnasio



O grande e horrivel Valle communica aos seus parentes, pessoas de suas relações e amizade, que foi Deus servido levar á sua engraçada presença um numeroso e querido publico em todas as representações do *Pae da Patria* e das *Distrações da Viuvez*, e que em breve terá em scena o *Padre Antonio*, esperando-lhe que honrem com a sua presença o piedoso acto da primeira representação bem como a missa do 15.<sup>o</sup> dia, dita pelo proprio *Padre Antonio* em beneficio dos corpos dos auctores, pois que as almas já não teem ponta por onde se lhes pegue.

Não faz convites especiaes porque não está disposto a dar borlas.



### D. Maria



*Afonso de Albuquerque*, ex-socio da antiga e acreditada firma d'esta praça Albuquerque Terribil & Castro Forte, tendo liquidado o seu negocio de façanhas e julgando-se quite com os credores de sua massa fallida, communica que se estabeleceu novamente no Theatro de D. Maria II, onde espera continuar a receber dos seus amigos e antigos freguezes o favor das suas ordens.

Esta casa abre aos domingos e dias santificados.

# O CHICO



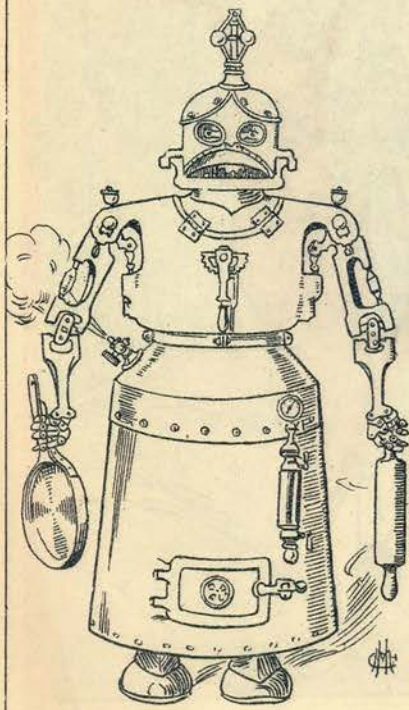
O maestro Malapata

# Na rua



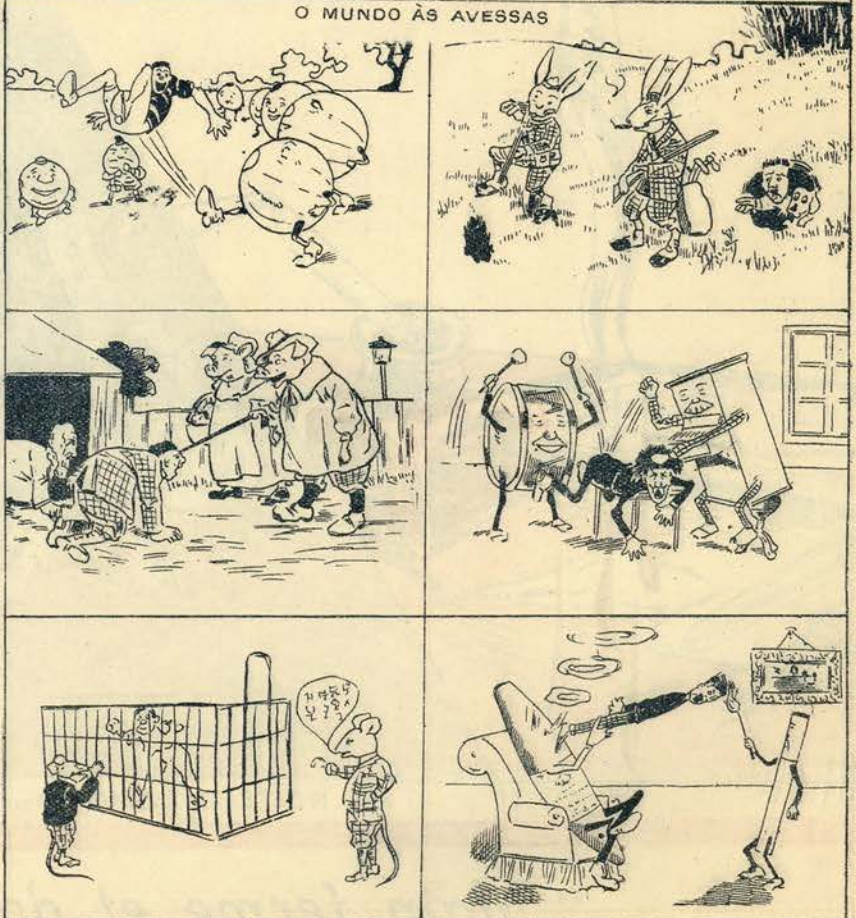
— O Senhor está muito enganado...  
Eu sou casada.  
— Tem graça! Que coincidência!  
Tambem eu...

# No anno de 2000



A cozinheira do futuro

# O MUNDO ÀS AVESSAS







NA NOITE CALLIGINOSA...

*“Main ferme et douce,,*

**Companhia Real dos Caminhos de Ferro  
Portuguezes**

SERVIÇO DOS ARMAZENS

Fornecimento de 360 toneladas d'oleo mineral

No dia 17 de Dezembro pela 1 hora da tarde na estação central de Lisboa (Rocio) perante a Comissão Executiva d'esta Companhia, serão abertas as propostas recebidas para o fornecimento de

**360 toneladas d'oleo mineral escuro**

As condições estão patentes em Lisboa na repartição central do Serviço dos Armazens (edificio da estação de Santa Apolonia) todos os dias uteis das 10 horas da manhã ás 4 da tarde, e em Paris, nos escriptorios da Companhia, 28, rua de Châteaudun.

O deposito para ser admittido a licitar deve ser feito até ás 12 horas precisas do dia do concurso, servindo de regulador o relógio exterior da estação central do Rocio.

Lisboa, 4 de Dezembro de 1906.

O Director Geral da Companhia

(a) **A. Leproux**



Inoffensivo, de absoluta pureza, cura dentro de **48 HORAS**

corrimentos que exigiam outr'ora semanas de tratamento com copahiba, cubebes, opiatas e injeções. Sua efficacia é universalmente reconhecida nas affecções da bexiga, na cystite do cólo, no catarrho vesical, na hematúria.

Cada Capsula tem impresso com tinta preta o nome



PARIS, 8, rua Vivienne, e em todas as Pharmacias.

**Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes**

SERVIÇO DOS ARMAZENS

Fornecimento de madeira de freixo

No dia 17 de Dezembro pela 1 hora da tarde, na estação central de Lisboa (Rocio) perante a Comissão Executiva d'esta Companhia, serão abertas as propostas recebidas para o fornecimento de 30.000 kilos de freixo em pranchas.

As condições estão patentes em Lisboa, na repartição central do Serviço dos Armazens (edificio da estação de Santa Apolonia) todos os dias uteis, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde.

O deposito para ser admittido a licitar deve ser feito até ás 12 horas precisas do dia do concurso, servindo de regulador o relógio exterior da estação central do Rocio.

Lisboa, 6 de Dezembro de 1906.

O Director Geral da Companhia

(a) **A. Leproux**

**COMPAGNIE**

DES

**Messageries Maritimes**

Paquebots poste français

LINHA TRANSATLANTICA

Para Dakar, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Ayres.

**Amazone**, commandante Lidin, que se espera de Bordeaux em 10 de dezembro.

Para Dakar, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos Ayres

**Cordillère**, commandante Richard, que se espera de Bordeaux em 24 de dezembro.

Preço da passagem em 3.ª classe de Lisboa para o Brazil, 37\$000 réis.

Preço da passagem em 3.ª classe de Lisboa para Montevideu ou Buenos-Ayres, 42\$000 réis.

Para Bordeaux, em direitura

**Atlantique**, commandante Le Troadec, que se espera do Brazil em 12 de dezembro.

**Chili**, commandante Oliver, que se espera do Brazil em 27 de dezembro.

Para passagens de todas as classes, carga e quaesquer informações trata-se na Agencia da companhia — 32, rua Aurea.

Para passagens de 3.ª classe trata-se tambem com os srs. Orey Antunes & C.ª — 4, Praça dos Remolares, 1.ª.

Os Agentes,

**Sociedade Torlades**

32, Rua Aurea.

EMPRESA DA

Fabrica de Vidros nas Lobatas, L.<sup>da</sup>

FABRICA: Na Amora, Quinta das Lobatas

ESCRITORIO: Praça do Municipio, 11, Lisboa

Garrafas de diversos typos  
e garrafões empalhados

Grande fabrico de

GARRAÇÕES QUADRANGULARES

Em vidro ou empalhados de 20 ou 25 litros



